ANO II — Lisboa—Quinta-feira, 19 de Setembro, de 1918 — N.º 471

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA» — LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e Typographia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Atalaia, 154

Editor — João A. Bastos

Telefone: C. 1035

NO REGIMEN DO ARBITRIO!

A censura arvorada em encobridora de escandalos e de loucuras!

Apezar das promessas feitas em 8 de Dezembro pelos revolucionarios triunfantes quanto á missão da Censura, esta continúa a mutilar arbitrariamente tudo quanto não agrada á vaidade dos governantes e tudo quanto lhes põe a nú a incompetencia e a inconsciencia!

O governo saído do «8 de Dezembro» atraiçoou a missão que lhe foi confiada por aqueles que nesse movimento arriscaram a vida!

Depois de se acusarem dos maiores crimes os politicos da republica caída, pretende-se estender-lhes a mão, para que meia duzia de ambiciosos se possam sustentar á sombra do poder!

A quem comenta este procedimento com as razões do seu patriotismo amordaça-se para que se não ouça a verdade!

Mas, ao mesmo tempo que era tão rigorosa para com as nossas palavras, a Censura deixava publicar na integra as sediciosas palavras de Bernardino Machado onde ha de tudo, desde o insulto até ao apelo declarado á revolta!

Hoje mesmo, recorremos para o sr. governador civil da disparatada decisão da Censura.

Veremos o que faz S. Ex.ª e então falaremos mais largamente!...

Antero, filosofo

Ao concluir nos *Essais de psychologie contemporaine* o seu notabilissimo inquerito sobre a depressão moral da França contemporanea, Paul Bourget era obrigado a reconhecer experimentalmente que a crise profunda de que o seu país enfermava não tinha outra origem senão no seu afastamento sistematico das grandes verdades tradicionaes.

O pessimismo, estudado por Paul Bourget através dos tipos mais representativos da mentalidade franceza, levava-o assim a aderir com inteira aceitação de espirito aos principios proclamados, em posições tão diversas, por um Balzac, por um Le Play, por um Taine. Essa base positiva do seu regresso ás fontes religiosas e politicas da Contra-Revolução não tardou a consagrar-se nos dominios da critica psicologica como o unico metodo seguro, dispondo de reaes faculdades scientificas. A' sua luz é que nós precisamos de encarar tambem, na historia-pregressa das nossas doenças sociaes, a causa occulta do mal, que já entra em Portugal feliz ou infelizmente a caracterizar-se para muita attenção escla- recida, pelas mesmas razões, que ha trinta anos tornaram celebre a reputação nascente de Bourget.

Segundo o processo empregado por Bourget, o que se nos impõe como *imperiosamente* necessario é classificar e inventariar as emoções e as idéas legadas á nossa geração por aqueles que a antecederam e prepararam no terreno de pura formação intelectual. Depois que a extraordinaria intuição artistica de Garrett, seguida de perto por alguns aspectos imorredoiros da obra de Herculano, naufragou sem successores que a mantivessem com nobreza, na balburdia sentimental do nosso arrastado ultra-romantismo, é, sem duvida, em Antero do Quental e nos seus amigos que nós encontramos um pensamento literario e filosofico, revestido da preocupação evidente de imprimir direções ao seu tempo e á nossa sociedade. Quando nada mais houvesse para o testemunhar, bastava-nos o proposito que inspirou as celebres *Conferencias do Casino* e a meia duzia de linhas energicas do seu programa demolidor, ainda não esquecido de todo.

«A decadencia nacional é o grande facto inexoravel da nossa historia, vai em tres seculos: a decadencia literaria é uma forma dela, nada mais»,—observava Antero em 72, apreciando o ensaio de Oliveira Ma,tins,—*Camões, os Lusiadas e a Renascença em Portugal*. E logo o poeta esclarecia: — «Decadencia irremediavel? pergunta o sr. Oliveira Martins, nas ultimas paginas do seu livro. Não! respondo-lhe a filosofia revolucionaria. A nossa renovação moral e literaria será possivel no dia em, pela reforma das instituições sociaes, por uma nova e melhor comprensão da justiça, comece outra vez o espirito a circular neste grande corpo, mais inerte ainda do que acabado, volte a anima-lo uma alma, um ideal colectivo.» O ideal colectivo, desejado por Antero, era o ideal messianico do seu ingenuo humanitarismo. O poeta punha o dedo na chaga, ao diagnosticar-nos, com clarividencia absoluta, a falta duma finalidade. Mas errava de antemão a cura, quando, conduzido pelas ideologias dominantes, na sua visão anunciava o nosso possivel resgate por obra e graça desses mesmos meios que, falidos em 48, acabariam de abortar sinistramente entre clarões macabros com os incendiarios enraivecidos da Comuna.

Cheio da sua estranha fé internacionalista, Antero entendia, a seu modo, que as arterias imoveis de Portugal se rejuvenesceriam ao contacto violento das tendencias radicaes de que a marcha do seculo ia repleta. A influencia de Antero fez-se depressa sentir, e tão profundamente, que numa epoca em que apenas o partidarismo governava as aspirações e as vontades, ao seu lado se constituiu logo um nucleo, destinado mais tarde a uma tentativa de alcance largo no campo da politica portuguêsa. Não tocaremos nos detalhes da existencia agitada de Antero,—nem nas suas ligações com a *Internacional*, nem os seus planos fantasiosos da *União-Iberica*. Vitima dos erros funestos do seu socialismo inflamado e generoso, Antero procurava redimir Portugal pela sua transfusão numa patria feita de todas as patrias, de que a humanidade seria a consciencia palpitante e eterna.

Não suponhamos, porem, em Antero um jacobino estreito, um sectario sem elevação.

Pela primeira vez entre nós no drama duma inteligencia portuguêsa se vivia e agitava o drama dum seculo inteiro, na sua ansia de emancipação e na sua simultanea impossibilidade reconstructora. Daí tanta impossibilidade reconstructora. Daí tanta impossibilidade de Antero que não é de forma nenhuma a sfloração dum temperamento psicopatico, mas a resultante natural dum espirito, envolto no tremendo conflicto em que o seu tempo se debatia.

Organisação raríssima de afirmativo, é uso e costume descrever-se Antero como um semi-louco, levado aos encontrões da nevrose, na tortura pardacenta do seu tedio insaciavel. Consagrou-se o logar-comum, porque, ninguem soube relacionar a tragedia mental de Antero com as correntes contraditorias a que baldadamente a sua cultura tantas vezes pediu a desejada unidade. Vê-se Antero apenas em relação ao nosso meio, com o *cachenez* do duque de Avila ditando a lei e as cigarras do velho Castilho regulamentando o gosto.

Na ausencia total do mais rudimentar senso critico, o caso de Antero, destoando das falacias superficiaes duma literatura de candidatos á prosapia veneranda de Acacio, passou a ser interpretado pelos mais avisados, ou como o producto da sua neurastenia extrema, ou então como a sobrevivencia de não sabemos que recuados atavismos nordicos.

A tenue precaria do poeta, de mistura com algumas estouvanices da mocidade, serviu de fundamento a esse combalido juizo, a que veiu trazer um reforço de estrondo o seu fim desgraçadissimo. Era o romance de Loubrego, actuando entre nós. Não se compreendia que as predilecções filosoficas de Antero amarguassem uma inteligencia, colocada por especiaes condições de desenvolvimento no fundo convergente da excitação doutrinaria da sua epoca. O pessimismo que logicamente derivaria dessa babilonia confusa ainda se percebeu menos. E a gente abre aquele compacto *In-memoriam* e, afora algumas luminosas paginas de educação pessoal, nada ha ali que nos levante com verdade e com transparencia, senão um traço ou outro a figura, por enquanto tão mal estudada, do crucificado moral dos *Sonetos*.

Ora, na sua formula simples, sem patologias escusadas, o *pessimismo* de Antero é o *pessimismo* que magnificamente Paul Bourget examina nos seus *Essais de psychologie contemporaine*, ao ocupar-se, entre outros, do exemplo tipico de Amiel. Não faltou a Antero a ação corrosiva da análise, contagiada dos pensadores protestantes, sobre a sua rica sensibilidade meridional, bem entretecida por uma solida estratificação catolica. Desta maneira, não é necessario irmos tão longe, —á costela remota dos Betencourts, reis das Canarias, nem á novela peregrina dum suposto Scandinavismo, para que Antero francamente se nos descubra no segredo dificil da sua personalidade. Não confundamos tampouco as inquietações nobilissimas do seu espirito com a marcha irregular das suas digestões. Muito em voga na hora em que o materialismo triunfava nos meios scientificos e literarios, semelhante criterio repele-se hoje, por arcaico e por caricatural. Na insatisfação do seu criticismo, Antero sofreu o *mal da inteligencia*, com todas as formas de tristeza e diminuição de vontade que estruturalmente o caracterizam. Duma farta linhagem de misticos, Antero tinha a necessidade da crença, a sede ardente do Absoluto. Perdidas as convicções inatas que se recebem do sangue e do leite, em vão bateu a todas as portas chamando pela Esperança, que dentro dele teimava em agitar sempre a sua aza de pequena Psyche tiritente.

Para se ajuizar de Antero, é ainda Antero o melhor testemunho a escutar-se. «O facto importante da minha vida, durante aqueles anos, e provavelmente o mais decisivo dela,—confessa Antero na sua *Carta auto-biografica* a Wilhelm Storck, referindo-se á sua entrada na Universidade—, foi a especie de revolução intelectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre creança arrancada do viver quasi patriarcal de uma provincia remota e imersa no seu placido sono historico, para o meio da irrespeitosa agitação intelectual de um centro, onde mais ou menos vinham repercutir-se as desencontradas correntes do espirito moderno. Varrida num instante toda a minha educação catolica e tradicional, cai num estado de duvida e incerteza, tanto mais pungentes quanto, espirito naturalmente religioso, tinha nascido para crer piedosamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direção, estado terrivel de espirito, partilhado mais ou menos por quasi todos os da minha geração, a primeira que em Portugal saiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição.»

Com um admiravel poder de desdobramento e de destrinça, assim Antero de Quental equaciona o seu problema em termos inliudiveis. E' como Bourget entcara tambem essa especie de «nausea universal», cujo negativismo obscurece cada vez mais os horizontes carregados da civilização. Efectivamente, na perda completa das certezas adquiridas pela fé e pela experiencia ancestral, é que implanta as suas raizes o sceticismo contemporaneo.

Muito ao contrario do que se imagina, vagueando embora por uma floresta de nominalismos e de mitos cerrados, Antero não chegou nunca a ser um scetico. *A sua angustia derivou exactamente da incompatibilidade da sua consciencia de afirmativo com as soluções esterels da quanto sistema filosofico frequentou*, na sua vida nomada de pesquisador de Todo-o-Saber.

Acentuámos já a boa proveniencia mistica de Antero. Bem agarrado ao seu sub-consciente, o misticismo não o deixou naufragar nas seduções nihilistas dum livre exame de solução. E' que o misticismo, tantas vezes invertido, tantas vezes despolarisado, na sua essencia—constitue sempre no fundo do individuo uma vasta possibilidade de ressurreição para os seus valores moraes e mentaes adormecidos.

Não se verifica outra coisa em Antero. O seu proprio pessimismo, nascido da pratica larga da metafisica alemã, não é para ele um fim,—não é de maneira alguma uma solução. Onde Antero está bem vivo, nos traços vigorosos da sua extraordinaria psicologia, é na sua *Correspondencia*. Mais de que nos *Sonetos*, mais de que em tanto farrapo avulso do seu poderosissimo legenio, é ali que Antero nos aparece, tal como ele foi, fundamentalmente diverso—das composições literarias que lhe adulteraram a figura, cercando-a duma falsa lenda de desespero e insubmissão.

Oiçamos o que Antero diz do pessimismo a Jayme de Magalhães Lima em data de 14 de novembro de 1888:—«O pessimismo é a reducção ao absurdo do naturalismo e das mil illusões, filhos dele, ou para melhor dizer (porque se não trata de sistemas simplesmente filhas do espirito humano na sua fase naturalista. Mas, sobre essas ruinas acumuladas pelo pessimismo, o que triunfa não é a negação, o que resta não é o vacuo. O que triunfa é o que fica, é aquilo que está para alem do naturalismo, aquilo que no homem não é já filho da natureza, mas superior a ella e autonomo: a vida da consciencia e a sua mais alta expressão, o sentimento moral.»

Quem traduzia numa tão profunda inquietação espiritualista, nunca se acomodaria certamente aos baixos conceitos do racionalismo então no Capitolio. Sem hesitar, eu considero Antero um precursor das modernas filosofias de intuição. Sentindo-os amargamente, ele viu como ninguem os exageros dissolventes do racionalismo; e como ninguem procurou obter nas suas meditações de isolado e de contemplativo, a aliança do pensamento com a ação. Ainda, a Jaime de Magalhães Lima Antero repararia: «—Diz algures o Renan que na proclisão da humanidade o filosofo é que vai na frente, e depois o homem de ação. Eu não penso assim, e mais sou filosofo! e parece-me que o Renan peca, como tanta gente boa, (é uma doença do seculo) por aquilo a que o Lange chamou o excesso do principio da inteligencia.» Quem vai na frente é o santo, filosofo a seu modo, como os que o são, e homem de ação por excelencia, por isso que a sua ação é toda no sentido do bem. De resto, (e era isso o que eu quizera dizer ao Renan) os que fundaram as coisas vitaes da sociedade tinham muito mais de santos, quando o não eram completamente, do que de filosofos.»

Documentado—com esta significativa passagem de Antero o seu anti-intelectualismo, não nos admirará muito que o poeta chegasse quasi á concepção do «*homem-interior*», que por um lado, a Igreja nos oferece e, por outro, o pragmatismo nos confirma. «Não me agradou o livro de Nordau,—comunicava Antero a Oliveira Martins, de Vila-Conde em 1890. Tantas illusões, tanto optimismo e tão pouco espirito critico em sujeito que se apresenta como o representante da razão *scientifica*, em face das *mentiras* da sociedade actual, chegaram a irritar-me. De resto, parece-me homem muito moço, e nesse caso tem alguma desculpa; mas sempre queria dizer ao sr. Nordau, para seu ensino, que não está tudo em se saber *scientificamente* que uma coisa é erronea, para se condenar e sobretudo para se afirmar que póde ser substituida. Para isso era necessario que a mola real do homem e da sociedade fosse a razão teorica, e a sua preocupação principal a verdade. Mas a verdade humana não é a verdade scientifica. Os *scientificos* não são capazes de compreender isto, exactamente como os *ideologos* do seculo passado (com quem se parecem muito e julgo que para peor); e como o proprio de taes espiritos estreitos e sistematicos é a persuação e o optimismo atrevido, a sua influencia será ainda mais nociva que a dos ideologos, que ao menos partiam de principios psycologicos. Decididamente a inteligencia humana é fraca e acanhada de mais para poder compreender, dominar e governar coisa tão complexa como é o homem. O instinto, afinal, valia muito mais para esse fim. Infelizmente, o periodo do instinto passou, e é nisso justamente que está a crise: Substituir, na direcção das coisas humanas, o instinto, que era suficiente, pela inteligencia que parece insuficientissima. *Não vejo salida a este beco escuro*».

Foi demorada a transcrição. Mas eu não conheço nada que melhor defina Antero como filosofo ao mesmo tempo que mais seguramente nos inicie nas genealogias obscuras do seu sofrimento. Combativo, por indole, homem de fé e de esperança, Antero pesava bem as consequencias nefastas do intelectualismo. Certos residuos evolucionistas deixados no seu espirito pela grosseira superstição do Progresso impossibilitaram Antero de encontrar no Catolicismo o incognito da questão que tanto o ensombrava e suspendia. No entanto, não fugiria a declarar a Oliveira Martins:—«O grande filosofo é a Humanidade e dease grande filosofo o melhor e maior sistema (por ora) é o Cristianismo Catolico. Ha ali abismos de genio, uma visão prodigiosa dos mais largos horizontes ideaes, e ao lado disto um senso pratico, uma prudencia admiravel, um profundo sentimento da estranha combinação de grandeza e miseria que é a natureza humana de tal sorte que quem não conhece e compreende o Cristianismo, não póde dizer que conhece e compreende a Humanidade».

Transviado, a dois passos do ancoradoiro, final, pela fumarada das nevoas naturalistas que do fundo de alma detestava, Antero não soltaria nunca o tranquilisador *Jweni portum!*, da legenda antiga. «O meu amigo Oliveira Martins apresentou-me como um budhista,—repararia a falta ao Dr. Storck na sua *carta auto-biografica*. Ha, com efeito, muita coisa convem entre as minhas doutrinas e o Budhismo, mas creio que ha n'elas mais alguma coisa do que isso.» Havia realmente. E' que a *impersonalidade*, entrevista por Antero, como a suprema libertação do espirito, não era o pesadelo lividó do Nirvana, trazendo nos seus flancos o fantasma pavoroso do Vacuo,—do Não-Ser universal.» Vivendo cada vez mais para os outros, sentindo morrer em cada dia dentro de si mais uma parcela *do eu* egoista que tanto nos ilude, tanto nos faz sofrer e errar,—elucidava Antero a Jayme de Magalhães Lima—, ia entrando gradualmente n'aquela região de *impersonalidade* que é a verdadeira beatitude.» Teologicamente, não é outra a definição do Santo. Entendia, Antero, porem, que, «sem arredar pé do terreno do espirito moderno», podia chegar «teoricamente até aquela profundidade de compreensão do *homem interior*, como eles dizíam, a que os misticos, chegaram».

Ultima ilusão do poder da inteligencia em quem se eximira á sua falsa soberania, Antero incapacitou-se por esses restos de vago criticismo de obter a pacificação das mil e uma interrogações que lhe atormentaram a existencia dolorida. «Não sei se poderei realizar, como tenho desejo, a exposição dogmatica das minhas ideas filosoficas... — escrevia a Storck. Morrerei, porem, com a satisfação de ter entrevisto a direção definitiva do pensamento europeu, o Norte para onde inclina a divina bussola do espirito humano. Morrerei tambem, depois duma vida moralmente tão agitada e dolorosa, e na placidez de pensamentos tão irmãos das mais intimas aspirações da alma humana, e, como diziam os antigos, na paz do Senhor!—Assim o espero!»

Mas não morreu, como quizera e sonhara!—A depressão nervosa que a sua estada nos Açores, agravara ao extremo por causas meramente fisicas, empurrou-o num momento de incontida irreflexão, para o desfecho tragico do suicidio. Nada mais logico, nada menos inesperado, segundo o Antero da versão corrente. Se olharmos á sua *Correspondencia*, se o reconstituirmos conforme as indicações geraes da sua filosofia, nada mais para nos surpreender,— é nosso dever atalharmos. Talvez que tambem Antero, assim o pensasse. E tanto que ao esmigalhar o cerebro com duas balas de acabo, o seu corpo inanimado caiu junto a um muro, onde numa velha lapide se lia amorosamente a palavra *Esperança*.

Tal é o Antero dos *Sonetos*,—o Antero de fisionomia cavada pelos combates duros da Idéa. «Os criticos alemães acharão talvez interessantes observar as reações provocadas pela inoculação do Germanismo, no espirito não preparado dum meridional, descendente dos navegadores catolicos do seculo XVI.» Neste periodo da sua *Carta-autobiografica* está enunciado por Antero o seu proprio caso. Nem sobrevivencias atavicas, dum afastado normandismo nem manifestações superiores de alta patologia. Simplesmente o desacordo dum forte temperamento afirmativo com as razões fundamentaes da sua cultura. E' tempo já de assentarmos com dignidade em qual seja o significado da obra de Antero. Não é outro certamente. Antero padeceu as influencias da mesma crise que, na opinião de Paul Bourget, aparenta estreitamente entre si os nihilistas de S. Petersburgo, os livros de Schopenhauer e a duvida elegante de Renan. Salvou-se Antero das suas garras fulminadoras. E salvou-se porque dentro dele a resistencia sentimental da raça não deixou nunca de elevar o seu protesto. Crucificado no seu drama intimo, Antero é um simbolo que se enche dum estranho sentido para nós. Os seus olhos ao coalharem-se no beijo frio da morte, a derradeira impressão que receberam do mundo foi confiadamente a da palavra «*Esperança*».

Tenhamos esperança nós que, mais do que tudo, procuramos conciliar as inclinações da nossa inteligencia com as leis sagradas do nosso sangue. E' ainda a voz do grande poeta que no-lo aconselha. Porque,—na exortação do seu verbo ardente,—cada vez mais presos no exemplo herdado dos Avós, é ele quem nos ensina a seguir o nosso caminho com heroica resolução:

«Entre esses vultos mudos, mas amigos,
Na humilde fé de obscuras gerações,
Na comunhão de nossos pais antigos.»

Antonio Sardinha

POLITICA

I—A tirania republicana

A tinta encarnada da democratica mesa censoria ensopou hontem as colunas da «Monarquia». O artigo a «Ultima experiencia», do meu camarada Felix Correia e o final da minha «Politica» foram mutilados pela sanha diabolica dos senhores fiscaes do pensamento, que no governo civil põem e dispõem a seu bel-prazer da Imprensa.

Que razões motivaram esses córtes? Por ventura se incitava á revolta a multidão? Por ventura se ameaçava a marcha da victoria dos aliados? Por ventura se fazia propaganda germanofila?

—Não. No artigo «A Ultima experiencia» verberava-se *apenas* o procedimento da republica nova querendo aliar-se com os homens a quem, «de facinoras para baixo, tudo se lhes chamou», depois de derrotados em 5 de Dezembro. Lembrava-se que a republica nova foi a ultima experiencia que se podia fazer para demonstrar que é impossivel a manutenção duma republica conservadora,—paradoxal invenção de meia duzia de *talassas*.—Em que se prejudicava a nossa participação na guerra com as palavras eliminadas pelo despotismo republicano? Em que alteravam elas a Ordem interna da Nação? Em que prejudicavam a nossa defeza economica ou militar?

—Em coisa alguma. Os cortes da censura aqui feitos ontem apenas revelam por isso a estupidez e odiosa estupidez revela que se chegasse ao cumulo de se cortar na minha «Politica» precisamente a mesma coisa, embra com palavras diferentes, que no dia 9 deste mez aqui escrevi em fundo!

Eu transcrevo:

Nestas condições, persistir em querer a republica é persistir em querer afundar a Nação—é ser anti-patriota. Os factos são «factos» e ninguem pode move-los a não se mostrarem numa nudez crua. Para se ser patriota é necessario defender-se a Patria. A Patria só se defende defendendo a Monarquia,—realidade social e não abstracção ideologica. Ela é a salvação,—emquanto que a Democracia é a perdição. E nestas condições, nas condições negras em que Portugal se encontra, nós pomos diante de todos os patriotas o dilema definitivo:—A MONARQUIA — OU A MORTE! — Que escolham.

II—A intangibilidade da aproximação

Ao mesmo tempo que nos cortam conclusões de caracter doutrinario, que em nada afectam o Interesse Nacional, encarado por qualquer dos seus multiplos aspectos, os senhores censores deixam passar na integra os excertos aparecidos do ultimo manifesto do brazileiro Bernardino Machado, onde, entre outras coisas, se escreve «que temos (eles, democraticos) «um castigo a infligir aos aventureiros que nos delapidam e aviltam!»

Oh! mas eu sei onde é que nós ferimos a sensibilidade dos censores! E' que a anunciada aproximação entre a republica velha e a republica nova, que se apresenta com tendencias a efectivar-se, torna-se intangivel aos comentarios dos monarquicos... Nós não podemos tirar as conclusões que o caso nos dá. Não podemos verificar e afirmar que os nossos vaticinios se confirmam, não podemos afirmar o que ha muito vimos afirmando que ou a republica nova salvará a Patria —fazendo a Monarquia, ou então cairá nas mãos do democratismo e da demagogia. De guarda ao nosso pensamento estão os esbirros no governo civil. A republica é intangivel,—intangivel mesmo quando se afunda nas mãos dos seus peores inimigos. E quando nós queremos mostrar que a republica se afunda e só a Monarquia nos poderá salvar—a censura corta!

Oh! o absolutismo real! a tirania da Realeza!

Augusto da Costa.

Bispo do Porto

O sr. Aires de Ornelas recebeu de Sua Magestade El-Rei o seguinte telegrama:

«HARROGATE, 9, 4 1.25.—Aires de Ornelas —Lisboa—Com profundo desgosto recebo a noticia da morte do veneravdo Bispo do Porto. Acabo de telegrafar condolencias ao Cardeal Patriarca, pedindo-lhe que as transmita ao Cabido da Sé do Porto.

Manuel R.»

Dr. Armando da Silva

Encontra-se em Lisboa este nosso querido amigo, a quem este jornal deve as mais vigorosas paginas da sua campanha, e que ao Integralismo tem dado, com admiravel espirito de dedicação, o melhor da sua poderosa inteligencia e culto saber.

Com prazer o abraçamos, pedindo-lhe que nos aceite os nossos melhores cumprimentos de boas-vindas.

Anthero de Quental

Por motivo de saude não poude o nosso illustre redactor principal commemorar na devida altura o aniversario da morte de Antero. Mas o que não se faz em dia de Santa Maria fa-lo-se outro dia,—ensina o ditado. E assim os nossos leitores terão agora o ensejo de rememorar essa extranha figura de incomprehendido nos dois artigos,—«Antero filosofo» e «Antero politico», que o sr. dr. Antonio Sardinha nos acaba de enviar.

Constituem eles mais um esforço do nosso prezado amigo no sentido de deduzir e afirmar bem a genealogia mental do movimento integralista.

Conde de Sucena

Regressou a Portugal, depois de oito anos de exilio junto da Familia Real Portuguesa, o sr. Conde de Sucena.

Pela sua benemerencia extrema e pelo muito que lhe deve a causa monarquica, é o sr. Conde de Sucena digno da gratidão de todos os portugueses.

Que ele aceite no seu regresso á Patria querida, as nossas melhores saudações.

A verdade e o azeite

A VERDADE ANDA AO DE CIMA D'AGUA COMO O AZEITE.

(Adagios Populares.)

... 4.000 latas exaroadas com azeite para o Rio de Janeiro...

Dos jornaes

Exige fula a cidade
A verdade sobre o azeite;
E ha razões p'ra que eu suspeite
Que, a ficar sem a verdade,
Mais uma vez se sujeite.

E, comtudo, a acreditar
Num velho rifão aceite,
Costuma a verdade andar
A' tona d'agua a boiar
Tal e qual como o azeite.

Se ela anda a boiar,—segundo
O velho rifão aceite,—
E' num poço tão profundo,
Que ninguem a viu no mundo,
Por mais ancia com que a espreite.

Ha pois, probabilidade,
P'ra que a Nação se sujeite
A' enorme indignidade,
De ficar só co'a verdade
De ficar sem o azeite.

UM INTEGRALISTA SUPRA.

Dr. Hipolito Raposo

Para a sua casa da Beira partiu ha dias este nosso querido e ilustre amigo, uma das figuras mais preponderantes do *Integralismo Lusitano* e membro da Junta Central.

Mesmo de longe, o sr. dr. Hipolito Raposo não deixará de nos auxiliar nesta ardua tarefa com a sua brilhante e apreciada colaboração.

Lêr na 2.ª pagina:
Comentarios, Conflagração, e variado noticiario.